

PERGUNTAS SOBRE O DIVÓRCIO

Mateus 19 e 20 formam uma unidade que retrata o aspecto itinerante do ministério de Jesus. Jesus saiu da Galileia, no Norte, para a Pereia e a Judeia, no Sul, seguindo determinadamente rumo a Jerusalém e à cruz. Estes capítulos relatam as interações de Jesus com vários grupos de pessoas. Em termos gerais, Jesus encontrou aceitação entre as multidões.

O capítulo 19 pode ser dividido em três grandes seções. Na primeira seção, Jesus responde a pergunta dos fariseus sobre o divórcio (19:1–12). Na segunda seção, Ele acolhe as crianças e as abençoa (19:13–15). A última seção trata da questão da riqueza e decorre da conversa que Jesus teve com o jovem rico (19:16–30).

A VIAGEM DE JESUS À PEREIA (19:1, 2)

¹E aconteceu que, concluindo Jesus estas palavras, deixou a Galileia e foi para o território da Judéia, além do Jordão. ²Seguiram-no muitas multidões, e curou-as ali.

Versículo 1. Esta frase de transição aparece cinco vezes em Mateus: “E aconteceu que, concluindo Jesus estas palavras” (veja 7:28; 11:1; 13:53; 26:1). Aqui significa o fim da quarta sessão de ensino de Jesus (cap. 18). A esta altura, Jesus saiu da Galileia pela última vez até encontrar-se ali novamente com os apóstolos, num monte por Ele determinado, após Sua ressurreição (28:16, 17; João 21:1).

Jesus partiu para engajar-Se no “Ministério na Pereia”, relatado em 19:1 a 20:28¹. “Pereia”, o nome dado ao **território da Judéia, além do** [ao leste do] **Jordão**, é um termo derivado da palavra grega *πέραν* (*peran*), que significa “além”, “do outro lado” ou “na outra margem”. O território é descrito de uma perspectiva judaica como estando “além do Jordão” (4:25; 19:1; Marcos 3:8; 10:1; João 1:28; 3:26; 10:40). De fato, o nome “Pereia” não consta do Novo Testamento, mas aparece nos escritos de Flávio Josefo². Esse território se estendia desde o rio Yarmuk no Norte até o rio Arnom no Sul. A região também é chamada de Transjordânia. Hoje, o país que ocupa esse território (e muito mais) é simplesmente conhecido como Jordânia.

Surge uma pergunta a respeito da linguagem de Mateus, visto que a Pereia tecnicamente não fazia parte da Judeia. O rio Jordão normalmente era a linha divisória entre os dois territórios. Marcos 10:1 acrescenta uma breve nota que diz que Jesus foi “para o território da Judéia, além do Jordão”, o que distingue a designação em dois lugares distintos.

Peregrinos judeus que viajavam da Galileia para Jerusalém atravessavam o Jordão no Norte, cruzavam a Pereia no lado Leste e depois tornavam a cruzar para a Judeia, no Sul. Esse desvio evitava que passassem pelo território dos samaritanos, considerados seus inimigos. Parece que Jesus não tomou essa rota nesta ocasião. Em vez disso, como disse Lucas, Ele passou entre a Galileia e Samaria e depois atravessou para a

¹Lucas contém mais informações sobre esse período do que Mateus (veja Lucas 13:22—18:34). A maioria das histórias que só Lucas narra provavelmente ocorreram na Galileia e Samaria e não na Pereia (Lucas 13:22; 17:11).

²Flávio Josefo, *Antiguidades* 17.8.1; *Guerras* 3.3.3.

Pereia (Lucas 9:51–56; 13:22; 17:11).

Jesus viajou em torno da Pereia e depois voltou para a Judeia. Ele passou por Jericó (20:29) e depois prosseguiu até Jerusalém (20:17; 21:1, 10). Nessa região, Jesus completou Seu ministério de ensino e parte do Seu ministério de operação de milagres, enquanto ia Se concentrando em Sua morte iminente.

Versículo 2. Muitas multidões se juntaram em torno de Jesus. Consonante com Sua prática, Ele Se compadeceu do povo e curou os enfermos que havia entre eles (4:23, 24; 9:35; 14:35, 36; 15:30, 31).

A PERGUNTA DOS FARISEUS (19:3–9)

³Vieram a ele alguns fariseus e o experimentavam, perguntando: **É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo?** ⁴Então, respondeu ele: **Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher ⁵e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? ⁶De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem. ⁷Replicaram-lhe: Por que mandou, então, Moisés dar carta de divórcio e repudiar?** ⁸Respondeu-lhes Jesus: **Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio. ⁹Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra comete adultério [e o que casar com a repudiada comete adultério].**

O complicado assunto do divórcio e novo casamento foi apresentado a Jesus nesse lugar. O texto mostra que esse era um problema tão sério na época de Cristo quanto hoje. Entre os judeus, o divórcio se tornara tão casual que os homens estavam repudiando suas esposas por motivos tão triviais como a esposa queimar a comida ou incomodar o marido publicamente.

Quando estudamos detalhadamente a resposta de Jesus, fica claro que Ele não defendeu o divórcio, e com certeza não o ordenou. Pelo contrário, Jesus mostrou os efeitos maléficos do divórcio e como ele leva a adultério e contaminação.

O que Deus permitiu com relutância havia sido transformado em regra geral. Através de Moisés, Deus reconheceu e permitiu o divórcio,

mas Jesus ensinou que essa nunca foi a intenção original de Deus. Deus não liberou o divórcio; mas o controlou. De fato, Deus tornou o divórcio mais difícil de ser executado. Jesus procurou restaurar a santidade que Deus originalmente idealizou para o relacionamento conjugal.

Versículo 3. A Pereia era um território governado por Herodes Antipas. Segundo o historiador Flávio Josefo, foi na Pereia que João Batista foi preso e executado. Essa injustiça contra o profeta resultou de sua denúncia do casamento incestuoso de Herodes. Herodes se divorciara de sua esposa nabateana para se casar com Herodias, a qual era esposa de seu irmão Herodes Filipe I (veja os comentários sobre 14:3, 4). Esse fundo histórico indica que esse era um tópico muito discutido naquela região e sugere a razão pela qual os fariseus interrogaram Jesus sobre o divórcio. Talvez estivessem tentando envolver Jesus num conflito com Herodes e Herodias, na esperança de que Ele sofresse o mesmo destino de João.

Os fariseus questionaram: **“É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo?”** O divórcio era uma prerrogativa masculina no judaísmo³. Em algumas situações, uma mulher podia persuadir os tribunais a pressionar o marido a divorciar-se dela⁴. Algumas mulheres da linhagem herodiana se divorciaram de seus maridos, mas os judeus consideravam isto uma afronta. A respeito desses casos, Flávio Josefo escreveu:

Quando Salomé [irmã de Herodes o Grande] desentendeu-se com Costobaro, mandou-lhe uma carta de divórcio e dissolveu o casamento com ele, embora isso não estivesse de acordo com as leis judaicas; pois para nós é lícito que um marido faça isso; mas a esposa que se separa do marido não pode casar-se com outro, a menos que o ex-marido a repudie.⁵

Mais tarde, ele escreveu: **“Herodias veio a transgredir as leis de nosso país e divorciou-se do marido quando este ainda era vivo, e casou-se com Herodes [Antipas], o irmão de seu marido por parte de pai”⁶.** Essas mulheres aristocratas foram influenciadas pela cultura greco-romana, onde era mais aceitável a mulher pedir o divórcio ao marido (veja 1 Coríntios 7:12, 13).

O relato de Mateus especifica a questão com

³Mishná, *Yebamoth* 14.1.

⁴Mishná, *Arakhin* 5.6; *Nedarim* 11.12.

⁵Flávio Josefo, *Antiguidades* 15.7.10.

⁶*Ibid.*, 18.5.4.

a expressão “por qualquer motivo” (veja Marcos 10:2). Os leitores judeus do Evangelho de Mateus estavam familiarizados com o debate contemporâneo em Jerusalém. Os fariseus não estavam perguntando simplesmente se o divórcio era permitido, pois quase todo judeu supunha que era. Eles estavam questionando *as causas* do divórcio. A expressão “por qualquer motivo” significa “qualquer razão citada pelo marido”. Josefo disse que um marido podia dar à esposa uma carta de divórcio “por qualquer motivo” e depois acrescentou que “acontecem muitos desses processos por parte de homens”⁷.

A visão liberal do divórcio defendida por alguns rabinos judeus baseava-se numa interpretação equivocada do ensino de Moisés em Deuteronômio 24:1–4. Na época de Jesus, havia duas escolas de pensamento a respeito das causas legítimas para o divórcio. Ambas as escolas baseavam seu ensino em Deuteronômio 24:1–4 (veja os comentários sobre 5:31). Shamai, a corrente mais conservadora, acreditava que a “indecência” da qual Moisés falou era o adultério. Hillel, mais liberal, via o termo como qualquer coisa que desagradasse o marido.⁸

Com esse pano de fundo teológico, esses fariseus foram até Jesus e **O experimentavam**. A palavra aqui traduzida por “experimentavam” (πειράζω, *peirazō*) também pode significar “testavam” (veja os comentários sobre 16:1). Definir a verdade não era a intenção deles. Procuravam pegar Jesus num erro teológico. Provavelmente queriam usar a resposta dEle para fazer as multidões se virarem contra Ele.

Jesus deve ter surpreendido seus interrogadores quando não tomou o lado de nenhuma das escolas rabínicas ao apresentar Sua resposta. Ele tampouco recorreu ao ensino de Moisés em Deuteronômio. Em vez disso, Jesus voltou ao começo de tudo e concentrou-Se no plano original de Deus para o casamento (Gênesis 1:27; 2:24).

Versículo 4. Jesus começou a responder perguntando: “**Não tendes lido...?**” (veja 12:3; 21:16, 42; 22:31). Ele disse que Deus **fez** os dois sexos distintos, **homem e mulher**, para os propósitos de

⁷Ibid., 4.8.23. Josefo divorciou-se da terceira esposa porque “não lhe agradava o comportamento dela” (Flávio Josefo, *Vida* 76).

⁸Mishná, *Gittin* 9.10. Mais tarde, o rabino Akiba disse: “Até se você encontrar alguém mais bela do que ela”. Ele baseou essa posição na expressão “se ela não for agradável aos seus olhos” (Deuteronômio 24.1)

procriação e companheirismo. Ao conduzir Seus oponentes à criação, Jesus estava apresentando o argumento mais forte que poderia ser apresentado. Os rabinos diziam: “Quanto mais original, maior o peso”⁹. O plano original de Deus contém a autoridade mais elevada e as provas mais contundentes.

A citação vem de Gênesis 1:27 na versão da Septuaginta: “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; *homem e mulher os criou*” (grifo meu). Palavras semelhantes são usadas em Gênesis 5:2: “*Homem e mulher os criou*, e os abençoou, e lhes chamou pelo nome de Adão, no dia em que foram criados” (grifo meu).

Deus fez o homem e a mulher para se complementarem e se completarem mutuamente (Gênesis 2:18, 24). Esse plano original deveria ser o modelo para todas as futuras uniões sexuais. Por sua própria natureza, esse modelo exclui a poligamia¹⁰, a poliandria¹¹, o divórcio e o novo casamento. João Crisóstomo escreveu: “Se fosse da vontade de Deus fazer as coisas dessa maneira, quando Ele fez um homem, teria feito muitas mulheres”¹². A intenção de Deus exclui uniões do mesmo sexo (Romanos 1:26, 27). Se Ele tivesse planejado que homens estivessem com homens e mulheres com mulheres, Ele teria feito outro homem para Adão e outra mulher para Eva. Quando os homens alteram os propósitos de Deus, os resultados são catastróficos.

Versículo 5. A seguir, Jesus citou Gênesis 2:24: “**Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne**”. O relacionamento entre marido e mulher tem mais valor do que qualquer outro. Sobrepujando o relacionamento entre um homem e seus pais, o relacionamento conjugal envolve o princípio de “deixar” e “unir-se”. O homem deve “deixar” seus pais e “se unir” a sua mulher. A palavra grega traduzida por “deixar” (καταλείπω, *kataleipō*) significa “soltar, largar”. Embora o homem não abandone os pais (15:3–6), é preciso

⁹Leon Morris, *The Gospel According to Matthew*, Pillar Commentary. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1992, pp. 480–81.

¹⁰No Qumran, Gênesis 1:27 era citado visando a oposição à poligamia. (*Regra de Damasco* 4.20–5.2.) Todavia, a principal corrente do judaísmo permitia a multiplicação de esposas. Enquanto homens comuns podiam ter quatro ou cinco esposas, reis podiam ter até dezoito. (Mishná, *Sanhedrin* 2.4; *Ketuboth* 10.1–6; *Kerithoth* 3.7.)

¹¹De acordo com o *Novo Dicionário Aurélio*, “poliandria” é o matrimônio de uma mulher com diversos homens.

¹²João Crisóstomo, *Homilias em Mateus* 62.1.

acontecer uma separação definitiva. A palavra para “unir-se” (κολλάω, *kollaō*) significava originalmente “colar ou cimentar”. No casamento, marido e mulher tornam-se “uma só carne” (Efésios 5:28–31). Essa unicidade é fisicamente expressa pela união sexual deles (veja 1 Coríntios 6:16; 7:2–4).

Versículo 6. Tomando por base a criação, Jesus fez a seguinte acusação: **“Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem”**. A palavra grega para “ajuntou” (συζεύγνυμι, *suzeugnumi*) significa literalmente “jugo dividido”. Deus juntou o primeiro casal, realizando a cerimônia de casamento original. O casamento é uma instituição divina. O plano original de Deus é um homem para uma mulher por toda a vida (Gênesis 2:21–25). Deus idealizou que essa união seja permanente. Essa perspectiva elevada do casamento era revolucionária na época de Jesus, assim como nos dias de hoje. R. T. France expressou isso desta forma: “Ver o divórcio como o homem desfazendo a obra de Deus coloca toda a questão numa perspectiva radicalmente nova”¹³.

Considerando que Deus é Quem uniu o primeiro casal em matrimônio para se tornarem os dois uma só carne, só Ele tem o direito legítimo de prescrever os motivos pelos quais essa união pode ser dissolvida. Segundo o plano de Deus, o casamento termina com a morte, a qual libera o companheiro sobrevivente para contrair novo casamento (Romanos 7:1–3; 1 Coríntios 7:39). O casamento também pode ser dissolvido por causa da infidelidade sexual de um dos cônjuges, o que deixa uma ou ambas as partes livres para contrair novo casamento (5:31, 32; 19:9)¹⁴.

Versículo 7. Os fariseus, então, perguntaram: **“Por que mandou, então, Moisés dar carta de divórcio e repudiar?”** A ordem do diálogo encontra-se invertida em Marcos. Jesus perguntou: “Que vos ordenou Moisés?” (Marcos 10:3, 4), e os fariseus responderam: “Moisés permitiu lavar carta de divórcio e repudiar” [“mandar embora”; NVI]. O debate dos judeus sobre a questão do divórcio se baseava em Deuteronômio 24:1–4. Os

fariseus argumentaram que Moisés permitiu ao homem escrever à esposa uma carta de divórcio e repudiá-la (veja os comentários sobre 5:31).

Versículo 8. Jesus respondeu-lhes defendendo a estabilidade do casamento, levando-os à criação de Deus (Gênesis 1 e 2). As pessoas estavam usando as instruções de Moisés (Deuteronômio 24:1–4) para romper o compromisso conjugal. Essas instruções, na verdade, foram designadas para proteger a santidade do casamento¹⁵. Os ensinamentos de Moisés jamais *ordenaram* o divórcio como sugeriram os fariseus (19:7). Jesus revelou essa verdade quando afirmou: **“...Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher”** (grifo meu). Moisés não escreveu para incentivar o divórcio, mas para regulamentar e resolver a situação que havia saído do controle. A resposta do Senhor para os fariseus confirma a intenção da lei de Moisés.

Por que Moisés deu essa instrução? Jesus disse que foi **por causa da dureza do coração** do povo. O divórcio não era resultado da vontade de Deus, mas da perversidade humana. O povo de Deus havia se afastado do plano original da Lei divina (que imperava **desde o princípio**). Assim, em Sua graça, Deus permitiu que Moisés regulamentasse as práticas vigentes visando evitar maiores danos ao lar e à família. O profeta Malaquias escreveu que Deus odeia o divórcio (Malaquias 2:14–16). Nada no Novo Testamento indica que Deus mudou de ideia sobre essa questão. De fato, Mateus 19:3–9 apresenta Jesus tentando restaurar o propósito original de Deus para o casamento.

Versículo 9. Jesus concluiu a conversa: **“Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra comete adultério”**. Marcos 10:10 insere estas palavras como resposta à pergunta que os discípulos fizeram dentro de uma casa. Depois de silenciados por Jesus, os fariseus devem ter saído de cena antes que Jesus fizesse esse comentário. Neste capítulo, os discípulos são mencionados somente no versículo 10.

Este ensino do Senhor a respeito do divórcio e

¹³R. T. France, *The Gospel According to Matthew*, The Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1985, p. 280.

¹⁴Nota da Trad.: há duas correntes de pensamento sobre esta questão: uma corrente entende que só a parte inocente tem direito a contrair novo matrimônio; a outra corrente entende que as duas partes podem contrair novo matrimônio, pois não existe dissolução unilateral do casamento.

¹⁵Michael J. Wilkins apresentou três propósitos da legislação de Moisés em Deuteronômio 24:1–4: 1) proteger a santidade do casamento daquilo que fosse indecente, 2) proteger a mulher de ser repudiada pelo marido por mero capricho e 3) legalizar o estado da mulher divorciada para que ela não fosse vista como prostituta ou uma adúltera fugitiva. (Michael J. Wilkins, “Matthew”, em *Zondervan Illustrated Bible Backgrounds Commentary*, vol. 1, *Matthew, Mark, Luke*, ed. Clinton E. Arnold. Grand Rapids, Mich.: Zondervan, 2002, p. 118.)

do novo casamento complementa o que Ele disse no sermão do monte: “Qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, *a expõe a tornar-se adúltera*; e aquele que casar com a repudiada comete adultério” (5:32; grifo meu).

Os fariseus perguntaram a Jesus se era lícito um homem se divorciar da esposa “por qualquer motivo” (19:3). A resposta do Mestre, baseada no plano divino desde a criação, foi: “Não!” Mais tarde, Jesus disse aos Seus discípulos que “relações sexuais ilícitas” ou “imoralidade sexual” (NVI; NTJ) era a exceção a essa regra geral¹⁶. A palavra grega traduzida por “relações sexuais ilícitas”, às vezes também traduzida por “fornicação” (BJ), “prostituição” (RC), é *πορνεία* (*porneia*), que inclui todo tipo de relacionamento sexual ilícito. É um termo mais abrangente do que “adultério” (*μοιχεία*, *moicheia*), o qual se refere ao intercurso extramarital por um dos cônjuges¹⁷.

Embora a cláusula de exceção permitisse aos homens se divorciarem de suas mulheres infiéis, ela não ordenava que fizessem isso (como apregoava a tradição rabínica¹⁸). Pode ser que arrependimento e perdão genuínos possibilitassem a restauração do casamento.

A RESPOSTA DOS DISCÍPULOS (19:10–12)

¹⁰Disseram-lhe os discípulos: **Se essa é a condição do homem relativamente à sua mulher, não convém casar.** ¹¹Jesus, porém, lhes respondeu: **Nem todos são aptos para receber este conceito, mas apenas aqueles a quem é dado.** ¹²Porque há eunucos de nascença; há outros a quem os homens fizeram tais; e há outros que a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus. **Quem é apto para o admitir admita.**

Versículo 10. A cena agora muda do debate público de Jesus com os fariseus para Sua discussão com **os discípulos** numa casa (Marcos 10:10). O tópico em consideração ainda era o mesmo. Os discípulos entenderam que Jesus estava dizendo que o divórcio não deve ser uma opção para Seus seguidores – e que a única exceção era relação sexual ilícita ou imoralidade sexual, da parte de um

¹⁶“A cláusula de exceção” não aparece nas passagens paralelas dos Evangelhos Sinóticos (Marcos 10:11; Lucas 16:18).

¹⁷O verbo relacionado *μοιχάω* (*moichaō*), “cometer adultério”, encontra-se no versículo 9.

¹⁸Mishná, *Ketuboth* 3.5; *Sotah* 5.1; *Yebamoth* 2.8.

dos cônjuges. Entendendo a dificuldade disso, comentaram: **“Se essa é a condição do homem relativamente à sua mulher, não convém casar”**. A observação era que, “se não há como sair de um casamento ruim, exceto por morte ou infidelidade sexual, é melhor continuar solteiro”.

Antes desse momento, os discípulos certamente compartilhavam da mesma visão liberal de Hillel em relação ao divórcio. Além de o divórcio ser permitido por quase qualquer motivo, alguns judeus também consideravam uma obrigação um homem divorciar-se de uma esposa ruim¹⁹.

Versículo 11. Jesus disse aos discípulos: **“Nem todos são aptos para receber este conceito, mas apenas aqueles a quem é dado”**. As palavras de Jesus são entendidas pelo menos de duas maneiras. Um ponto de vista afirma que “este conceito” ou “esta palavra” (NVI) (*λόγος*, *logos*) é uma referência ao próprio ensino de Jesus sobre o casamento, na seção antecedente (19:3–9). Sendo assim, o estado de casado é visto como um presente de Deus. Aqueles que não o “recebem” são os que permanecem no celibato (19:12).

Outra corrente afirma que “este conceito” é uma referência ao comentário dos discípulos em 19:10: “não convém casar” ou “é melhor não casar” (NVI). Neste caso, Jesus estava concordando com a conclusão básica dos discípulos – a saber, que para alguns seria melhor não casar. Todavia, Ele sabia que nem todas as pessoas têm condições de viver no celibato (veja 1 Coríntios 7:2). Paulo considerava a capacidade de casar um “dom de Deus” (1 Coríntios 7:7).

Versículo 12. Jesus apresentou três razões para uma pessoa não casar. A primeira e a segunda apontam para as condições físicas. Estas levam para a terceira razão, que é uma escolha de cunho espiritual. Esta última razão é o ponto central do versículo.

Primeiramente, o Senhor disse: **“Porque há eunucos de nascença”**. Os defeitos de nascença fazem alguns homens serem eunucos. A litera-

¹⁹O livro apócrifo de Siraque diz: “Se ela não fizer conforme tu ordenares, separa-te dela” (Siraque 25:26). O Talmude diz: “[Se alguém te] uma esposa ruim é um ato meritório divorciar-se dela” (Talmude, *Yebamoth* 63b); “Se a odiares, debes repudiá-la” (Talmude, *Gittin* 90b). Uma antiga história conta como alguns rabinos incentivaram um marido a divorciar-se de uma esposa decaída. O homem não podia devolver o dote dela, então os rabinos contribuíram com dinheiro para ajudá-lo a divorciar-se dela. (*Gênesis Rabbah* 17.3; *Levítico Rabbah* 34.14.)

tura rabínica refere-se a eles como “eunucos por natureza”²⁰. Obviamente, permanecer solteiro não representa para eles um desafio difícil com respeito à necessidade e ao desejo sexual.

Em segundo lugar, Jesus disse: **“Há outros [eunucos] a quem os homens fizeram tais”**. A expressão “a quem os homens fizeram” também era uma expressão rabínica comum²¹. Referia-se a homens que haviam sido castrados. Essa prática não era apoiada pelos judeus²², pois a Lei excluía tais homens da assembleia de Deus (Deuteronômio 23:1). Todavia, a castração era uma prática comum entre os gentios. No Oriente Próximo antigo, ela servia de castigo para criminosos²³. Além disso, alguns sacerdotes pagãos eram castrados para fins religiosos²⁴. Os encarregados do harém de um rei geralmente eram transformados em eunucos para que não gerassem nenhum filho com as mulheres sob seus cuidados (veja Ester 2:14). Alguns governantes preferiam ter eunucos servindo como altos oficiais porque os julgavam mais dóceis e leais²⁵.

Há exemplos desses oficiais reais tanto no Novo como no Antigo Testamento. Sugerem alguns que Daniel e seus três amigos foram transformados em eunucos depois de serem deportados para a Babilônia. Esta ideia é apoiada pela profecia segundo a qual os descendentes da realeza tornar-se-iam “eunucos no palácio do rei da Babilônia” (2 Reis 20:18; Isaías 39:7). O fato é que os quatro homens foram confiados ao “chefe dos [seus] eunucos” (Daniel 1:3)²⁶. No Novo Testamento, o eunuco etíope bem conhecido que foi batizado por Filipe servia como oficial de confiança do tesouro da rainha [de Candace] (Atos 8:27).

Em terceiro lugar, o Senhor disse: **“Há outros que a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus”**. Esta última categoria deve ser entendida figuradamente²⁷. São homens que poderiam ter casado e gerado filhos se o quises-

²⁰Mishná, *Zabim* 2.1; *Yebamoth* 8.4–6; Talmude de Jerusalém, *Yebamoth* 8.4–6.

²¹Ibid.

²²Flávio Josefo, *Antiguidades* 4.8.40; *Contra Ápiom* 2.38.

²³*As Leis Assírias* A15, 18, 19.

²⁴Will Roscoe, “Priests of the Goddess: Gender Transgression in Ancient Religion”, *History of Religions* 35 (1996), pp. 195–230.

²⁵Xenofon, *Cirópedia* 7.5.60–65.

²⁶O termo קָרִים (*saris*), traduzido por “eunuco” também é traduzido por “oficial”.

²⁷Ao contrário disso, Orígenes (ca. 185–254 d.C.) interpretou o comentário literalmente e castrou-se. (Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica* 6.8.)

sem. Todavia, como Paulo, não optaram pelo casamento a fim de estarem mais livres para servir a Deus sem o ônus do medo, da preocupação e da necessidade imposto pelas responsabilidades com a família (1 Co. 7:32–34).

Jesus concluiu: **“Quem é apto para o admitir admita”**. A palavra “admitir” (χωρέω, *chōreō*) foi citada antes no versículo 11. A frase pode se referir novamente à aceitação do ensino de Jesus sobre o casamento. Pode simplesmente referir-se à aceitação do estado de celibato. Neste caso, Jesus sabia que pouquíssimos de Seus seguidores poderiam ter uma vida de celibatário²⁸. Por fim, Jesus deixou duas opções para Seus discípulos: casamento sem divórcio (exceto em casos de infidelidade) ou celibato.

LIÇÕES

SOBRE O CASAMENTO (19:3–12)

O divórcio é epidêmico na maioria dos países ocidentais. As estatísticas indicam que mais de 40 por cento dos casamentos que começam hoje não irão perdurar²⁹. O divórcio é traumático e doloroso; ele é a morte de um casamento. O que o texto de Mateus ensina sobre os temas vitais do casamento, divórcio e novo casamento?

Uma Situação Confusa – Dois Pontos de Vista Opostos (19:3). Duas opiniões contrárias prevaleciam na época de Jesus. A corrente *shammai* (os “conservadores”) acreditava que a “coisa indecente” mencionada em Deuteronômio 24:1–4 só poderia ser o adultério. A corrente *hillel* (os “liberais”) dizia que a coisa indecente que justificava o divórcio poderia ser qualquer coisa que desagradasse o marido.

Eram esses os pensamentos conflitantes dos fariseus que questionaram Jesus. Descobrir a verdade não era o objetivo deles; queriam armar uma arapuca para Jesus. Este surpreendeu Seus ouvintes não levando nenhum dos partidos para dentro do debate.

Uma Correção pelo Salvador – “Voltem-se para o Criador” (19:4–6). Jesus não estava tentando liberar o divórcio ou facilitá-lo. Ele não estava defendendo o

²⁸De fato, a maioria dos judeus via o casamento como um mandamento de Deus (veja Gênesis 1:28). (Mishná, *Yebamoth* 6.6.) Entre os que aderiram ao celibato estavam principalmente a seita dos essênios. (Flávio Josefo, *Antiguidades* 18.1.5; *Guerras* 2.8.13; Plínio, *História Natural* 5.15.)

²⁹Glenn T. Stanton, “Divorce” http://www.focusonfamily.com/lifechallenges/relationship_challenges/divorce.aspx; página acessada em 7 de junho de 2010.

divórcio, e certamente não o ordenou. Ele não usou nenhuma das opiniões populares para representar Seu próprio ensino sobre esse assunto, nem usou Moisés com essa finalidade. Em vez disso, Jesus recordou o decreto original de Deus em Gênesis.

O plano de Deus envolve um homem para uma mulher pela vida toda (Gênesis 2:21–25). Isto exclui poligamia, poliandria e uniões de indivíduos do mesmo sexo (Romanos 1:26, 27). Quando as pessoas se desviam do plano de Deus, o resultado é pecado e infelicidade.

Um Cenário Complicado – “Moisés Permitiu o Divórcio” (19:7–9). Os judeus tentaram colocar Moisés contra Deus no debate. Usaram o decreto de Moisés sobre o divórcio não para proteger a santidade do casamento, mas para dar permissão à dissolução do casamento.

“Por que então Moisés ordenou dar carta de divórcio à mulher?”, questionaram eles. Essa ainda é uma boa pergunta. A resposta de Jesus foi: “Por causa da dureza de vosso coração”. Na verdade, Moisés nunca ordenou o divórcio; ele simplesmente regulamentou algo que já existia com o fim de proteger o casamento.

A pergunta apresentada a Jesus foi: “É lícito ao homem divorciar-se da mulher por qualquer motivo?” Ele respondeu que só existe uma razão legítima: “relação sexual ilícita” (“imoralidade”, ou seja, infidelidade sexual) da parte de um dos cônjuges. O próprio Jesus levantou a questão do novo casamento. Ele disse que o novo casamento é permitido se a causa do divórcio for infidelidade sexual da parte de um dos cônjuges.

Uma Situação Crítica – “Convém não casar” (19:10–12). Os discípulos consideraram difícil o ensino do Senhor sobre esse assunto. Muitos hoje também pensam assim. Os discípulos enxergaram que, em vez de entrar num casamento que seria extremamente difícil de terminar, era melhor não casar.

Jesus concordou com esse entendimento daquilo que Ele instruiu. Ele admitiu que é um conceito difícil e que nem todos podem aceitá-lo ou viver de acordo com ele. Então, concluiu que era melhor ser um “eunuco” (continuar no celibato) por causa do reino dos céus do que violar a santidade do casamento.

O DIVÓRCIO: UMA EPIDEMIA (19:3–12)

Por que um casamento não dá certo? Aqui es-

tão quatro causas a serem avaliadas.

1. *Quando o casamento não é visto como uma ideia de Deus, mas como um acordo puramente humano.* Nossa sociedade precisa saber que Deus ordenou o casamento. O lar e a família surgiram por decreto divino (Gênesis 1:27, 28; 2:18–24). Jesus disse que Deus uniu o primeiro casal para um compromisso perpétuo e que só Ele pode determinar a razão para que essa união se dissolva.

As pessoas podem pensar que Deus não tem autoridade sobre o casamento. Muitos casais vivem juntos sem o benefício de uma certidão de casamento. Outros se sujeitam às leis do país, mas não reconhecem a existência de uma autoridade superior. Contudo, as leis divinas têm autoridade sobre o casamento e elas são para o bem da humanidade.

2. *Quando o casamento não é visto como um compromisso permanente, mas como um compromisso até que um decida cair fora.* Os casais geralmente fazem os votos matrimoniais com muita leviandade. Devemos esperar isso de descrentes, não de cristãos.

A ignorância, portanto, pode desempenhar um papel no fracasso de um casamento. Aqueles que não aprenderam o plano de Deus para o casamento podem nem perceber que divórcio e novo casamento, tão recorrentes na sociedade, são errados. As pessoas precisam ser ensinadas que as leis de Deus devem prevalecer. Deus não aprova tudo que o homem permite. Precisamos obedecer às leis do país (Romanos 13:1, 2), mas somente se elas não conflitarem com a lei de Deus.

3. *Quando o casamento não tem vínculo espiritual.* Casamentos “mistos” foram a praga de Israel (Esdras 9; 10; Neemias 13:23–27). O problema não era casamentos inter-raciais, mas casamentos entre pessoas de religiões diferentes. O cristão que se casa fora da sua fé já está predispondo seu casamento ao fracasso. Histórias de sucesso são definitivamente a minoria.

Quem espera converter um companheiro descrente em um cristão fiel deve fazê-lo antes do casamento. Daí, então, deve esperar o suficiente para ter certeza de que a conversão foi autêntica e depois contrair matrimônio.

4. *Quando o casamento não inclui amor verdadeiro.* Nem todos os casamentos baseiam-se no amor *agape*. Alguns se baseiam só em atração física. Outros se baseiam em segurança financeira ou posição social. Há pessoas que se casam até por raiva, mas no fim acabam prejudicando a si mesmas.

Quando os dois se amam de verdade, qualquer problema pode ser resolvido. Erros podem ser perdoados e egoísmos podem ser postos de lado (Efésios 5:22, 23, 28, 29).

Um problema comum é a falta de preparação. Alguns casais, particularmente os mais jovens, casam-se rapidamente sem pensar nem se preparar seriamente. Desse jeito, seus esforços acabam tendo pouco êxito. Um casamento bem-sucedido requer preparação física, emocional, moral, financeira e espiritual. Observar antes do casamento por que alguns relacionamentos não dão certo pode ajudar o casal a evitar algumas ciladas que impedem um casamento duradouro e feliz.

UMA ABORDAGEM PRÓ-ATIVA (19:3-12)

Acontece com muita frequência de consertarmos um problema começando pelo lugar errado. Nossos esforços são como tentar segurar um ca-

valo que já fugiu do celeiro. Não faz mais sentido fechar a porta antes que o cavalo saia? Semelhantemente, fortalecer os relacionamentos familiares faz mais sentido do que aconselhar casais que enfrentam o divórcio. Os presbíteros ou a liderança das congregações agem sabiamente quando tentam ensinar jovens e adultos a construir casamentos e famílias fortes. Deve-se oferecer periodicamente seminários sobre casamento e aulas para casais cristãos. Os professores devem instruir os jovens sobre a santidade do casamento e os papéis do marido e da mulher. Também devem ensinar sobre o namoro aprovado por Deus, o que procurar num futuro cônjuge e o perigo do casamento misto. Os ministros que fazem cerimônias de casamento devem exigir que os casais façam primeiramente um aconselhamento pré-nupcial. Também é recomendável haver pregações sobre o tema do casamento e da família sempre que possível.

Autor: Sellers Crain

© Copyright 2013 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS